

# A EDUCAÇÃO PELA LITERATURA: O IDEAL CAVALEIRESCO COMO MEIO DE APRENDIZAGEM CRÍTICA DA HISTÓRIA NACIONAL



Ana Marcia Alves Siqueira (UFC)<sup>1</sup>

No meio de uma nação perdida, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma especie de magistratura moral, é uma especie de sacerdócio. Exercitem-no os que podem e sabem; porque não o fazer é um crime (HERCULANO, 1843, p. 12).

## 1. INTRODUÇÃO: o cavaleiro modular como símbolo

A história da formação do reino português está ligada à expansão religiosa e ao sentido salvacionista norteador das cruzadas. A Reconquista, também chamada cruzada ibérica, possibilitou que Afonso Henriques, primeiro rei português, ficasse conhecido como o jovem rei guerreiro abençoado por Cristo, na Batalha de Ourique, para a libertação do território do domínio muçulmano. Aliada às influências culturais externas, essa imagem de rei cavaleiro e guerreiro configurou-se em uma perspectiva messiânica. Assim, por contiguidade, a imagem do cavaleiro como herói invencível que lutava ao lado do rei pela liberdade da pátria e pela religião, popularizou-se especialmente no plano simbólico do imaginário luso, a partir do século XIII, quando a nobreza senhorial tornou-se mais receptiva aos ideais de cavalaria e se moldou a eles.

Embora os avanços desta cavalaria tivessem um alcance restrito no plano social português, refletiram positivamente no plano do imaginário, isto é, dos aspectos ligados ao simbolismo coletivo, à cultura, às manifestações artísticas e criativas acompanhando esse fenômeno no contexto europeu. Esse simbolismo foi especialmente propagado pela literatura, em toda a Europa, que difundiu o ideal do herói guerreiro errante, defensor dos desamparados e da religião, um paladino da justiça e do comportamento ético. A novela de cavalaria constitui um dos fatores concorrentes para a composição do “mito” do cavaleiro andante, possibilitando sua permanência para além do contexto que o criou.

Assim, o simbolismo cavaleiresco constituiu presença marcante na literatura portuguesa, especialmente em momentos críticos da história do país, em que escritores comprometidos com o papel educativo e crítico da arte reto-

---

<sup>1</sup> Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará (UFC).

mam o Medievalismo como forma de repensar a história e a sociedade portuguesa. O simbolismo dessa figura funciona como o meio de reflexão e de busca de solução para a necessidade aflorada.

Destarte, o trabalho discute como a apropriação crítica desse simbolismo condensa significados variados relacionados ao contexto histórico-social lusitano interligando passado e presente ao encenar a educação necessária ao povo português no contexto de publicação de *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano (1844), *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós (1900), e *Cavaleiro Andante*, de Almeida Faria (1983), segundo o intuito crítico dos escritores elencados.

## 2. A EDUCAÇÃO PELA LITERATURA SOB A ÓPTICA ROMÂNTICA

No início do século XIX, o interesse pelas origens nacionais e pelas tradições medievais esteve presente na produção de escritores e intelectuais europeus, seguindo a concepção herderiana de que a língua, os costumes, as lendas e os contos constituem os registros da autêntica cultura nacional. A investigação das sensibilidades definidoras da alma nacional coube, pois, a estudiosos e escritores preocupados com a identidade e os significados possíveis de sua nação no contexto ocidental (cf. NUNES, 2002).

Alexandre Herculano defendeu esta concepção de nacionalidade. O seu trabalho de historiador e sua produção literária salientam a intenção constante de buscar delinear a combinação entre a existência da nação e sua essência “consustanciada na alma nacional e revelada na cultura popular, nos monumentos, nos costumes, na memória, enfim, na História” (CATROGA, 1998, p. 46). O talento do escritor traz à luz seu passado esquecido devido ao tempo e às influências estrangeiras. Para ele, era necessário reavivar o espírito português, reafirmando sua independência a partir de seus heróis e de sua história.

Esta questão está ligada à epígrafe deste trabalho: o objetivo de Herculano de estudar o passado para argumentar a favor da nacionalidade em perigo e de uma camada social que ainda não pudera assimilar os valores culturais legitimadores de uma identidade. Reconstituir o passado de forma fiel e científica visando ensinar à nova burguesia os valores ancestrais para criar laços com a tradição.

Conforme Maria de Fátima Marinho (2004, p. 9), o objetivo de Herculano era ensinar, divulgar o conhecimento por meio da literatura, pois segundo essa concepção um romance pode ensinar mais que uma obra historiográfica:

Quando o caracter dos indivíduos ou das nações é suficientemente conhecido, quando os monumentos e as tradições e as chronicas desenharam esse caracter com pincel firme, o novelleiro pode ser mais verídico que o historiador, porque está habituado a recompor o coração do que é morto pelo coração do que vive, o génio do povo que passou pelo génio do povo que passa (HERCULANO, 1843, p.8).

Assim, o modelo de herói guerreiro, fiel e constante, foi utilizado por Alexandre Herculano, na primeira metade do século XIX, para a construção da figura do herói nacional no romance histórico *Eurico, o presbítero*. Embora o romance seja conhecido por marcar uma postura de crítica ao celibato clerical por parte do autor, nesta obra, Eurico representa o ideal cavaleiro: herói guerreiro e dedicado amante, que vence as batalhas contra os inimigos e conduz seu povo ao refúgio das terras montanhosas no norte da península. Condizente com o idealismo romântico nacionalista, o protagonista de Herculano é o cavaleiro negro, herói misterioso que prioriza os valores nacionais e religiosos em detrimento de sua felicidade individual.

Este romance evidencia a dialética entre real e ficção, o jogo entre a veracidade e o verossímil. O fato histórico está aliado às possibilidades e às potencialidades dos acontecimentos. Isso porque a proposta estética de Herculano não se constitui a essência do romance histórico remontar com absoluta fidelidade o período retratado, mas sim reconstituir de forma poética os meios sociais e humanos que possibilitaram aos homens pensar e agir de uma forma específica em sua realidade histórica. A descrição das paisagens locais, das casas, das vestimentas, dos costumes, enfim, todos esses elementos formam índices que constroem uma imagem física do ambiente remontado, mas seu valor está na ambientação dos espíritos para o esclarecimento dos conceitos que estão além da superficialidade. Seu interesse está na tentativa de transpor para o presente a sensibilidade e os modos como os indivíduos do passado percebiam sua realidade e, indo além, trazer a força de sentido dos símbolos do passado para sua efetivação ou inspiração para a ação no presente.

Embora o autor não considere Eurico um romance histórico, ele utiliza um fato do período medieval para criticar indiretamente os males presentes em sua época – o período cabralista. O intuito comparatista entre passado e presente não foi muito bem entendido pelo público coetâneo, mas alguns comentários críticos feitos por intelectuais do período revelam a discussão de problemas comuns aos dois períodos: traição da pátria, poderio político, governo centralizador e opressor, decadência de costumes.

O poder conquistado por golpes e com o uso do exército, em vez de aprovação no parlamento, era o retrato tanto de Portugal na primeira metade do oitocentos quanto do império da Península quando os mouros resolveram invadi-la. Eurico termina uma meditação dizendo: “hoje, a espada substituiu o conselho dos prelados, dos nobres e dos homens livres: a coroa é uma conquista, a lei vontade do desonrado vencedor de peijas domésticas, liberdade palavra mentida.” (HERCULANO, 1972, p. 34). Essa é a melhor definição para uma sociedade com instituições liberais, como constituição, divisão de poderes e parlamento, mas que vive sob a tirania de um poder centralizador e opressor, como Portugal durante o Cabralismo.

Eurico encarna o modelo que o país necessitava naquela ocasião: um guerreiro mais dedicado à causa nacional que à vida pessoal, a despeito de também, como amante dedicado, ter se arriscado para salvar a amada prisioneira do chefe árabe e outras peripécias características do modelo ideal. Dessa forma, na finalização do romance, o narrador destaca o exemplo de resistência do cavaleiro como o sopro que alentara a luta entre cristãos e mouros até estes últimos serem expulsos da Península. O sacrifício do herói rendera frutos e firmara-se como um exemplo a ser seguido no futuro:

Os que têm lido a história daquela época sabem que a batalha de Cangas de Onis foi o primeiro elo dessa cadeia de combates que, prolongando-se através de quase oito séculos, fez recuar o Alcorão para as praias de África e restituir ao evangelho esta boa terra de Espanha, terra, mais que nenhuma, de mártires. (HERCULANO, 1972, p.274)

Eurico possui honra e fidelidade, qualidades ausentes no contexto de perda de valores durante o conturbado período de disputas entre liberais e absolutistas, perseguições e revolta em Portugal na primeira metade de Oitocentos. Por meio do diálogo entre passado e presente, este protagonista que lutou pela liberdade e união do povo luso, preservando seus costumes e religião, serve como crítica à desunião coetânea, como também realiza uma sutil crítica à sociedade burguesa e os costumes modernos que supervalorizam os bens em detrimento dos valores morais. As ideias de Herculano inspiraram jovens escritores que se rebelaram contra o idealismo romântico alienado e ausente da vida cultural e política.

### 3. A CRÍTICA REALISTA: conhecer o passado para educar no presente

Em oposição ao idealismo romântico, na segunda metade do século XIX, ganham força em Portugal tendências científicas: Positivismo, Darwinismo, Determinismo, entre outras. Um grupo de jovens escritores, adepto dessas novas correntes de pensamento e convicto de que elas poderiam modificar radicalmente o país, passa a defender reformas de cunho político, social e cultural. Segundo essa concepção, a literatura e as artes constituem um meio eficaz de análise da sociedade. Assim, por todo o país, começa a se firmar um novo espírito crítico, que busca analisar a sociedade e a cultura nacional nos seus mais variados aspectos. O foco é o homem, analisado em seu contexto social presente.

Eça de Queirós é um dos mais reconhecidos escritores do realismo português. Entretanto, ele, em diversas obras, também revisita o passado para discutir a sociedade portuguesa de seu tempo, especialmente a Idade Média. Tal procedimento não constitui uma incoerência na proposta de análise da sociedade portuguesa efetivada pelo escritor, ao contrário, salienta a percepção de que para se analisar sob todos os aspectos uma sociedade, ou uma nação, objetivando sua transformação, é necessário um profundo conhecimento de sua história, nas diferentes perspectivas: humana, política e social.

De acordo com esse objetivo crítico, a retomada da medievalidade realiza-se de diferentes formas na produção queirosiana: ora de modo mais evocativo e fantasioso, ora de modo paródico e satírico ou mais irônico e enigmático; mas, sempre como ponto de partida para uma crítica contumaz ao homem e à sociedade, como exemplifica *A ilustre Casa de Ramires*, romance publicado inicialmente em 1897, na *Revista Moderna*, e depois, revisado e lançado, em volume em 1900.

No enredo, o protagonista Gonçalo Ramires descende de uma das mais antigas famílias nobres da Península, de cavaleiros defensores da nação recém-nascida que, ao lado das primeiras dinastias reais – de Borgonha e de Avis – construíram e alargaram o país. A narração das aventuras e desventuras do personagem possibilita uma intensa reflexão sobre a história de Portugal, a partir da interessante interlocução entre o período finessesecular oitocentista, vivido por ele, e a Idade Média, época da ação vivida pelo antepassado Trucesindo Ramires, Alferes-mor de Sancho I no século XII, sobre quem escreve uma novela.

A pesquisa para a escrita da novela cavaleiresca *A torre de Dom Ramires* proporciona a Gonçalo o contato com os feitos cavaleirescos dos antepassados, aproximando-o de valores como a honra e a coragem em contraposição à ausência na sociedade oitocentista, carente de diretrizes morais. Como representante dessa sociedade, ele é covarde, ganancioso e oportunista. Esse contato desperta no personagem a consciência de suas falhas, o desejo de modificação, mas, principalmente, salientam a incompatibilidade de seu caráter com esses modelos, visto que as imagens dos antepassados afloram em sua mente sob uma aura de glória e estatura heroicas:

Como sombras levadas num vento transcendente todos os avós formidáveis perpassavam - e arrebatadamente lhe estendiam as suas armas, rijas e provadas armas, todas, através de toda a História, enobrecidas nas arrancadas contra a Moirama, [...] (QUEIRÓS, 1997, p. 412).

Gonçalo Ramires é intimado a assumir o espírito guerreiro da família, porém, quanto mais narra as aventuras cavaleirescas, mais percebe o distanciamento entre eles: “E todos soberbamente gritavam: - “Oh neto, toma as nossas armas e vence a Sorte inimiga! Mas Gonçalo, espalhando os olhos tristes pelas sombras ondeantes, voltou: - “Oh avós, de que me servem as vossas armas – se me falta a vossa alma?...” (QUEIRÓS, 1997, p. 412).

O confronto entre as duas épocas e respectivos costumes e moralidades está em todo o texto, salientando a ambiguidade moral de Ramires que, embora queira incorporar o caráter heroico dos antepassados, não possui nenhuma inclinação para atitudes corajosas ou bravias, ausentes mesmo na necessidade de defesa de sua honra. Sua compleição reflete as instabilidades dos valores morais de sua época.

A crítica à decadência moral de seu tempo perpassa toda a produção de Eça. Neste romance, essa apreciação é construída justamente pelo confronto entre os valores do medievo e os do século XIX. Para ressaltar tais diferenças, a visão da Idade Média retratada na obra é aquela idealizada pelo Romantismo, na qual as qualidades cavaleirescas confundem-se com um modelo de honra e de retidão de caráter. Ou seja, não se trata de uma perspectiva crítica e histórica, mas de um modelo ideal e literário que sobrevive no imaginário ocidental nutrido por novelas de cavalaria e obras diversas, como *Eurico, o presbítero*, as quais foram reformulando a figura cavaleiresca ao sabor de idealizações criadas em cada época.

Esta escolha revela outro alvo constante na produção queirosiana: à censura aos comportamentos perniciosos junta-se a reprovação à idealização romântica e sua visão equivocada da realidade. Além de criticar o sentimentalismo português, tanto quanto sua inclinação ao sonho e à fantasia, o escritor delinea os descuidos com a moral, sempre destacando a reprovação ao mau desempenho dos papéis sociais e as consequências disso.

O contraste entre os preceitos retomados ao medievo e a impossibilidade da manutenção destes no final do século XIX gera conflitos em Gonçalo que oscila entre a obrigação de honrar a tradição de sua família e suas falhas de caráter acirradas pela falta de dinheiro e pelo desejo de reconhecimento social. Entretanto, durante a escrita, Gonçalo também passa a observar as diferenças entre as épocas e a perceber a natureza cruel dos antepassados, já que ele é um homem civilizado, incapaz de violência: “Mas também ele, entre tantos avós até os Suevos ferozes, descortinaria algum avô carniceiro; e a ocupação dos Ramires, através dos séculos heroicos, consistira realmente em assassinar” (QUEIROZ, 1997, p. 396 -397).

Gonçalo questiona essa ordem estabelecida e passa a perceber eticamente a motivação dos atos, bons ou maus, de seus acidentados. Compreende, pois, de modo mais realista, que a crueldade foi um componente das ações guerreiras do passado por ser um aspecto da guerra e das ações necessárias à formação de Portugal e às suas conquistas. A inserção da história de Tructesindo na narrativa queirosiana serve como recapitulação de um momento em que o país se fortalecia e se afirmava como nação vitoriosa.

Por sua vez, em oposição a esta glória, a última década de Oitocentos teve um início complicado para os portugueses devido ao Ultimato inglês, em 1890, que constituiu um duro golpe para o orgulho nacional. Provavelmente as reações a este fato repercutiram por longo tempo em diferentes aspectos do país e da sociedade lusitana. As artes certamente reverberaram a questão, visto que as ideias sobre nacionalidade discutidas por Eça de Queirós em *A ilustre Casa de Ramires* parecem refletir as consequências dessa problemática.

Pode-se perceber, no romance, a presença de um sentimento geral, mescla de saudosismo do passado glorioso e o desejo de realização de novas conquistas, revelando a disposição geral do país. Essa proposição é simbolizada pela identificação entre o protagonista e Portugal ao final da história. Esse aspecto que tem sido interpretado pela crítica, de modo geral – e por nós até certo momento – como uma forma de manifestação de um sentimento nacionalista inédito na prosa do autor; porém, essa leitura é descartada pela análise que desmitifica a cavalaria. Na verdade, a obra deve ser lida, à luz do espírito crítico

e irônico característico da produção queirosiana, como uma mordaz crítica à triste figura desempenhada pelo país naquele momento. Assim como o personagem, Portugal desejava os tempos de heroísmo e grandeza de um império guerreiro, mas somente podia contar com uma perspectiva apequenada e sem influência de um país minúsculo e pobre. Exatamente como a figura de Gonçalo: nobre, mas falido, desejoso de grandeza e poder, mas frágil e sem recursos bélicos ou influência no contexto mundial.

A trama organizada por Eça, nesse sentido, delineia o declínio da aristocracia rural portuguesa na virada do século XIX e o sentimento de desesperança despertado em toda a nação devido aos problemas políticos. Esse contexto, segundo Beatriz Berrini, revela a imperícia da aristocracia em se adaptar ao capitalismo moderno: “O aristocrata português percebia o fosso que separava o seu nome da sua situação social e econômica” (BERRINI, 2000, p. 49).

Nesta condição, Ramires não alcança os princípios tão caros aos seus ancestrais. Os modelos de comportamento medievais revelados a Ramires enquanto escrevia sobre os antepassados: a bravura, a honra e a coragem contrastam com as debilidades presentes vividas por ele. Enquanto nos tempos medievais jamais um Ramires deixara de retaliar uma afronta, Gonçalo age contrariamente ao desistir da vingança contra o pretendente que abandonara sua irmã por interesses políticos. Essa diferença ilustra as incompatibilidades morais entre Gonçalo e Tructesindo, evidenciando as diferentes perspectivas temporais e ideológicas entre as duas épocas retratadas na obra.

A estratégia de escrita de uma novela de cavalaria dentro do romance possibilita que o final do século XIX e o medieval, acompanhados de seus valores, sejam analisados de maneira mais complexa e matizada. Igualmente, esse confronto permanente entre os dois períodos revela as duas faces de Gonçalo: uma voltada para o passado e outra para o futuro, incindindo em uma personalidade ambivalente, assim como a nação que representa. Ele apresenta em si o peso da tradição e da história portuguesa. Contudo, esta identificação não evidencia o abandono do passado, mas das ilusões idealizantes em prol de uma reforma de atitudes e comportamento que melhorem a situação nacional.

Acreditamos que a visão crítica de Eça, salientada na leitura mais realista tanto da medievalidade quanto da situação de necessidade de mudança no comportamento da aristocracia portuguesa oitocentista, revela a valorização equilibrada do passado nacional para definir os novos rumos para o país em fins do século XIX.



#### 4. A CONCLUSÃO DO PERCURSO COM O ESFACELAMENTO DO MITO

O mesmo intuito de transformação nacional animou a geração de escritores pós-Revolução dos Cravos (1974) que se empenhou em discutir os mitos pátrios frente a necessidade de se repensar a autoimagem do país após décadas de acomodação e paralisia impostas pela ditadura salazarista.

Desse objetivo nasceu uma literatura agudamente crítica e demolidora de mitos idealizantes entranhados no inconsciente coletivo português e reforçado pela literatura nacionalista que impedia o dinamismo histórico do país. A perspectiva é de que a literatura, ao longo da história portuguesa, firmou-se como o espaço de projeção do ideário popular que se espalhou em um sonho de grandeza, pós quinhentos, e resultou em uma cisão entre o real e o imaginário. Para cada um dos escritores desta geração, como Almeida Faria, Lídia Jorge, José Saramago, José Cardoso Pires, dentre outros, a Revolução dos Cravos favoreceu a reflexão e a exploração catártica de uma mitologia de grandeza desacreditada, que havia comprometido a capacidade de transformação da história e da identidade do país. Assim, cada um destes escritores revisitou, de modo crítico e singular, os mitos mais significativos e também imobilizadores da vida coletiva lusitana.

Nesse contexto, a extensa obra *Tetralogia*, de Almeida Faria, formada por quatro romances, compõe, por meio de cartas, fragmentos de diários, pequenos relatos e sonhos, um panorama da situação do país após a Revolução, metaforizados na dissolução e na decadência de uma família de Montemínimo. Os anseios e planos, as angústias e insegurança, até mesmo certo saudosismo do salazarismo vivenciados pelo povo português (assim como por algumas personagens) são representados no conjunto de narrativas, aos quais se juntam questionamentos sobre a identidade nacional e a dificuldade do país integrar-se socioeconômica e culturalmente à Europa.

*Cavaleiro Andante* (1983), romance que fecha a *Tetralogia*, apresenta uma contundente releitura da história nacional a partir do mito sebastianista e do cavaleiro andante. O simbolismo da espera do rei amado, salvador da pátria, é misturado ao mito do cavaleiro em busca de aventuras para refletir um imaginário que alimenta sonhos e expectativas dos filhos da família representativa da pátria. Após a dispersão, perdidos e desejosos de heroísmo, estes personagens se chocam com a realidade mesquinha. Este conflito, mote definidor do romance, é apresentado logo no início por suas epígrafes:

O cavaleiro andante que quer defender a viúva e o órfão não tem hoje lugar: são agora a polícia, os tribunais, o exército, o governo que tomaram o lugar dos objectivos quiméricos perseguidos pelos cavaleiros. [Hegel]

e

Sonho que sou um cavaleiro andante.  
 Por desertos, por sóis, por noite escura,  
 Paladino do amor, busco anelante  
 O palácio encantado da Ventura! [Antero de Quental] (FARIA, 1987, p. 5)

Para Lilian Jacoto (2005, p.130), a ordem das epígrafes propõe uma relação sintagmática de concessão entre si a exprimir a ideia: “apesar de A, constatada-se B”. Ou seja, apesar de não haver mais lugar para o cavaleiro andante na sociedade moderna, em decorrência de sua antiga função ser exercida agora por instituições do estado legalmente delimitadas, esta obra “expõe a persistência do mito cavaleiresco como sonho de duas personagens - um sonho que se pode dizer compensatório do indivíduo rebaixado e impotente diante das injustiças e afrontas de toda ordem” (JACOTO, 2005, p.130).

Concordamos com a proposição salientando, porém, que a leitura de todo o soneto “Palácio da Ventura”, de Antero de Quental, esclarece melhor a presença da desilusão em relação ao mito cavaleiresco. Provavelmente, Almeida Faria omitiu as estrofes seguintes para não antecipar a coincidência de concepções de mundo desencantadas, que elucidam o sofrimento e a insensatez advindos da enganosa busca de grandeza presente na alma portuguesa que, ao final do poema, nada encontra:

Mas já desmaio, exausto e vacilante,  
 Quebrada a espada já, rota a armadura...  
 E eis que súbito o avisto, fulgurante  
 Na sua pompa e aérea formusura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:  
 Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...  
 Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...  
 Mas dentro encontro só, cheio de dor,  
 Silêncio e escuridão -- e nada mais! (QUENTAL, 1991, p.168)

A discussão crítica entre História e Literatura proposta pelo escritor nesse romance desmitifica o sonho visionário de que Portugal poderia vir a ser um Quinto Império, ao mesmo tempo em que critica o escapismo e a procura absurda por uma saída salvacionista apesar das consequências funestas presentes naquele contexto. Nessa perspectiva, a narrativa apresenta a mescla entre os dois mitos como uma síntese da alma coletiva portuguesa incapaz de perceber outra possibilidade para o país:

Em plena era revolucionária surgem crenças e fé de desespero, em plena Lisboa a estátua de Sousa Martins, espécie de Cristo médico, orador, filantropo, patriota do século passado aparece carregada de flores, velas, retratos, pernas e braços e peitos de cera em pedidos e pagamentos de promessas [...]. Será que se vão enfim realizar-se as profecias do Bandarra, que prometeu um Quinto Império a quem perdeu o seu? Será que um rei amado porque louco, incompetente e morto, em breve retornará, não para de novo nos lançar em perdas batalhas, mas para nos salvar de todas as desgraças e ameaças de maiores males? Será que o Alumiado trará consigo o abre-te-sésamo da fortuna e progresso, ou por nossos pecados é preciso partir à procura da chave que abrirá a cave onde se esconde e não se encontra o Graal? (FARIA, 1987, p. 8-9)

Nesse contexto incerto, André e João Carlos, os filhos mais velhos vagam em busca de solução para as dificuldades financeiras da família, perdidos, sem encontrar uma resposta. André, o primogênito, resolve procurar trabalho no Brasil, na cidade de São Paulo, na expectativa de repetir a história dos antepassados e enriquecer para ir à Luanda viver com a namorada Sónia:

Parto na madrugada de 24, está decidido. Tudo preparado para a travessia que um Cabral levou a cabo pela primeira vez de barco, [...] Descobertas as Índias de oriente e ocidente, que nos resta? Navegar navegámos. Graças às navegações nascestes a milhas de mim, milhas que não são só geografia, e tenho de procurar-te nos descaminhos do mar. Em sonhos continuo a nadar, o mar nunca mais acaba, a noite custa a dissipar. Quando julgo estar a chegar, percebo que me enganei, que te perdi na neblina, que nenhum rádio ou radar, nenhum raio de cobalto me poderá salvar. Aqui acabo a carta, antes que os maus pensamentos tomem conta da caneta e tragam maus presságios de viagem. Serei ainda e sempre o teu marinheiro aéreo, o teu cavaleiro do mar, o teu vagante sem casa onde ficar. (FARIA, 1987, p. 56)

A aventura do jovem, porém, não resulta positivamente e ele viaja para Luanda já adoentado. A agonia e a morte do personagem denotam a necessidade de abandono do sonho transatlântico de prosperidade e grandeza sobre o qual se lançara, por séculos, Portugal. O modo como, em sua última carta, André diz adeus à mãe reflete essa premissa:

Para ti o muito amor do teu cavaleiro andante, como me alcunhavas por andar sempre fora de casa. Tanto andei que desandei, até que tresandei. Os que adoram a vida hão de perdê-la, os que a odeiam terão a vida eterna? Não lembro bem. A minha memória cada dia está pior, um dia me abandonará definitivamente: as cartas que escrevo são posfácios de si mesmas. Quero acabar e não sou capaz. Custa acabar; quem disse que o começo é difícil? Par mim o fim custa mais. (FARIA, 1987, p.102)

A morte do rapaz sinaliza a impossibilidade de permanência do mito. O fato de o capítulo no qual José Carlos, o segundo filho, é apresentado ser intitulado “quadrívio”<sup>2</sup> constitui a chave de leitura para a mensagem final da obra, visto que este era o nome dado ao clico da educação na época medieval. Consideramos, pois, que a aprendizagem que Portugal deve realizar é uma desaprendizagem dos dois mitos para granjear um novo caminho de conquista dentro dos estreitos limites da nação redimensionada. O retorno de Marta, a namorada, pode ser compreendido como uma esperança de união, na identidade portuguesa, entre a realidade e o sonho, conforme sugere a carta da jovem:

Fiquei olhando o mar que nos aproxima e afasta com suas marés altas, marés baixas, revoluções, contra-revoluções, agitação e paz, combates dos contrários. O presente é um deus potente, disse o Goethe pela boca de Tasso. A força do presente me faz retornar, mas para de novo viajar, contigo ou sem ti. Ainda me falta encontrar a ilha dos imortais. (FARIA, 1987, p. 190)

Assim, significativamente José Carlos torna-se comissário de bordo, em sua demanda “errante” por uma nova vida em uma perspectiva aberta às descobertas interiores, porém, de modo concreto e condizente com um cotidiano de trabalho.

2 As disciplinas ensinadas nas escolas medievais eram representadas pelas chamadas artes liberais, divididas em trívio: gramática, retórica, dialética, e quadrívio: aritmética, geometria, astronomia, música.

## REFERÊNCIAS

- BERRINI, Beatriz. **A ilustre Casa de Ramires**: cem anos. São Paulo: EDUC, 2000.
- CATROGA, Fernando. Alexandre Herculano e o historicismo romântico. In: TORGAL, L. R.; MENDES, J. M. A; CATROGA, F. **História da história em Portugal** – séculos XIX-XX. v. 1. Lisboa: Temas & Debates, 1998. p. 45-98
- FARIA, Almeida. **Cavaleiro andante**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o presbítero**. Lisboa: Bertrand, 1972.
- HERCULANO, Alexandre. Introdução, **O bobo. O Panorama**. vol. 2º, Série 2ª, 1843, p. 10-12.
- JACOTO, Lilian. **Da saga à andança solitária**. São Caetano do Sul, São Paulo: Yendis, 2005.
- MARINHO, Maria de Fátima. O discurso da história e da ficção. **Actas do Colóquio Internacional Literatura e história**. Porto, 2004, v.I, p.351-363.
- NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, Jacó. **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.51-74.
- QUEIRÓS, Eça de. **A ilustre Casa de Ramires**. In: **Obra completa de Eça de Queirós**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- QUENTAL, Antero. **Antologia Antero de Quental**. Organização José Lino Grünewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.